

SOBRE O JEITO DE ME LER

Leitor,

sou muitos.

Se uma ou outra frase do livro não encaixar na leitura – ou na cabeça –, experimente lê-la com outra entonação, como se fosse um novo personagem, com outra voz e uma intenção diferente.

Obrigado.

Primeiras cenas...

A distância entre olhar e ver é muito grande.

Porque **dois terços** do cérebro servem às posições, atitudes e *movimentos* do seu corpo –

e do corpo de todos nós.

E muito do cérebro serve à

visão.

O cérebro foi feito para ver – para fazer igual, para imitar (compreender), para brigar, para fugir, para responder a movimentos.

Para dançar...

Se você vê, é movido a responder – mesmo sem querer – até sem perceber!

Se você olha e vê, você dança junto...

Por isso é melhor não ver.

Na verdade, é melhor fazer de conta que não estamos vendo.

E vamos falando, falando, falando...

Assim ficamos na nossa, para sempre isolados – e falando sozinhos. É mais seguro.

A diferença entre Mestre Freud (tão falado!) e Mestre Reich (tão omitido) é esta: Freud não olhava para seus clientes (só ouvia).

Não quis ver.

A Psicanálise é só palavras – diálogo de cegos...

Reich começou a falar olhando para os pacientes.

E começou a ver, e o Inconsciente se fez carne, gesto, atitude, tom de voz, modo de olhar.

O Inconsciente é movimento e posição, que tomam conta de você antes de você perceber o que está acontecendo. Mas o outro (o de fora) pode ver – se estiver olhando, se estiver interessado.

A Humanidade mudou tanto no último meio século que nenhum dos dois mestres tem tanta relevância – hoje.

Figuram aqui como símbolos de um passado recente, no qual a Psicologia começou a ganhar uma relevância maior do que nunca – porque os seres humanos estavam começando a se perder na voragem do Progresso Científico que imprimiu à História uma aceleração vertiginosa.

Começando a nos perder no turbilhão, apelamos para quem nos salvasse, e então nasceram as dezenas de Psicologias do século XX, que esperavam nos reorganizar para o Novo Mundo.

Em vão!

A Palavra não pode nos salvar. Ela é por demais limitada e enganosa.

Só a Luz – o olhar – pode nos mostrar o Caminho.

Por isso me lembrei de Freud, a palavra que pretendia nos revelar, e de Reich, a Luz/olhar que pode nos mostrar o caminho...

MEU REICH

Não pretendo reproduzir Reich – nem creio que isso seja possível. Nem resumi-lo ou criticá-lo sistematicamente.

Assimilei profundamente seus textos ao longo de sessenta anos de convívio interior (não conheci Reich pessoalmente). Quero historiar esse contato para que o leitor possa avaliar o quanto e, sobretudo, de quantos modos Reich exerceu influência sobre mim.

Quem me apresentou Reich foi um simpático advogado de São Paulo, Luiz Arruda, que me acompanhava fielmente em muitas palestras que eu fazia sobre Higiene Mental, por volta de 1950. Após a palestra, ele sempre se achegava e insistia para que eu lesse Reich; tantas fez, e tanto ofereceu, que eu me acheguei, começando com a *Análise do caráter* – que para mim continua a ser seu livro mais fundamental, ponto de ruptura e, ao mesmo tempo, de continuação com o pensamento freudiano. É um livro cuja ideia central é muito inteligente e nem por isso muito difícil, mas é de algum modo condenado pela sua terminologia estritamente psicanalítica, usada com clareza e precisão como em nenhum outro texto da área.

Toda a nomenclatura psicanalítica foi feita, porém, referindo-se à *comunicação verbal*, realizada para compreender, explicar ou sistematizar *relatos*. Ora, Reich começava a Psicologia das expressões
não verbais

da personalidade.

A *observação* clínica de Reich (descrição *do que se vê*) muitas vezes se dilui ou se faz aparentemente secundária em relação aos conceitos desenvolvidos para compreender *o que se ouve*.

Imagine um pintor falando de música. Assim foi com Reich e Freud. Assim foi com a Análise do Caráter, que fez um número incalculável de pessoas *desistir* de estudar Reich. *Muito complicado, Não é pra mim, Não dá para acompanhar...*

Se as pessoas lerem a descrição de casos clínicos, compreenderão, com certa facilidade, o conceito básico da Couraça Muscular do Caráter (CMC) – de novo, a meu ver, o conceito mais fecundo de Reich.

Para piorar as coisas (em relação a Reich): há no citado livro duas questões preliminares difíceis quanto à noção de Couraça: a de Transferência Negativa Latente e a de Interpretação Formal. Digo que são difíceis porque, em textos de Psicanálise e na conversa com psicoterapeutas, dei-me conta de que a maioria deles mal compreende e, na certa, não usa nem um nem outro desses conceitos que servem de base a intervenções clínicas (interpretações) das mais pertinentes e atuantes.

Couraça é sinônimo de forma. Não se trata, nem importa saber, *o que* a pessoa está reprimindo, se amor ou ódio, medo ou inveja, despeito ou ternura; importa sempre e somente, segundo Reich, na Análise do Caráter, *perceber como* a pessoa reprime, que gesto, que atitude, que jeito, que sorriso ou tom de voz ela usa para *não perceber outra manifestação também presente no relato falado*.

Na linguagem-padrão da Psicanálise, não adianta nada “descobrir” ou dizer para a pessoa que ela está resistindo ou se defendendo; é preciso dizer-lhe *como* ela está se defendendo.

Se o paciente tem modos de superioridade, se me olha sempre meio de cima para baixo, então ele está *me pondo* em plano inferior; o que eu posso lhe dizer não o atinge – e assim ele anula todas as interpretações.

Parece simples, mas, repito – com o próprio Reich –, a maior parte dos terapeutas *não sabe* o que significa e *não sabe* como usar essa noção.

Em outros termos, a maior parte das pessoas (e dos terapeutas)

não consegue separar a fala

do modo de falar (e de se colocar).

As pessoas se deixam fascinar pela *palavra* propriamente dita e *não se dão conta* do tom de voz, da face ou da posição do interlocutor.

Não estou dizendo que elas não percebam; estou dizendo que elas *não se dão conta*. Percebem sem perceber; percebem porque o *curso do diálogo* mostra claramente que o percebido sem consciência vai perturbando o diálogo e a relação.

Conclusão dessa declaração: *o inconsciente está sempre presente* – no que a pessoa

não está percebendo em si mesma.

A repressão, pois, não atua *no inconsciente* por meio de um “mecanismo psíquico”; atua imprimindo ao corpo, aos olhos e à atenção uma direção que evita a *percepção* do reprimido.

Exemplo: se ao olhar para o rosto de uma pessoa próxima eu consigo *manter os olhos paralelos* – como eles ficam quando olhamos ao longe –, a pessoa *não terá a sensação* de que a estou percebendo. É o *olhar através* em vez do *olhar para*. É o *olhar longe*, tão característico da pessoa que...

está

longe!

É mais familiar (e mais frequente) o olhar distraído, o olhar sem ver, o olhar de quem está sonhando.

A repressão é, pois, sempre atual no processo e na manifestação.